

IGREJA
LUSITANA

COMUNHÃO
ANGLICANA

TRIMESTRAL
AGOSTO 2021

Nº 184
€1.50

o novo despertar



DESTAQUES NESTA EDIÇÃO



Pág. 12 e 13
Novo Cônego na Catedral



Pág. 14 a 19
50º Aniversário do COPIC



Pág. 22 e 23
Hans Küng - Um Paladino do Movimento Ecuménico



Pág. 24 e 25
Teologia de culto em tempo de Covid-19

Leia e divulgue o Novo Despertar

registre-se em www.igreja-lusitana.org para receber a newsletter.

siga-nos no: www.facebook.com/igreja-lusitana

versão digital do Novo Despertar no site da Igreja



Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva, José Manuel Cerqueira, Catarina Sá Couto **Colaboradores neste número:** Joaquim Francisco Silva Pinto, Raquel Teixeira, Mazukielves Morais (fotos na Catedral de S. Paulo), João Hipólito, Rute Serronha, Marcelo Schneider/WCC (foto pág. 24 e 25), Stamatis Grozoudis/WCC (foto pág. 26 e 27) **Fotografia de Capa:** Autoria de Marcelo Schneider/WCC **Design:** Mário Ferreira **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sensilito O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **IBAN:** PT50 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



D. Jorge Pina Cabral

A MEMÓRIA QUE GERA A ESPERANÇA

Fui recentemente convidado a integrar a Comissão Promotora de uma jornada de «*memória, luto e afirmação de esperança*» que irá ocorrer no nosso país de 22 a 24 de outubro próximo. A promoção desta iniciativa visa prestar uma homenagem às vítimas da pandemia do covid-19, sublinhando nesse ato, a necessidade de não esquecermos futuramente, as mais de 17 000 vítimas mortais da pandemia e os diversos tipos de sofrimento que a mesma provocou e continua a provocar na sociedade portuguesa. Fazer o luto comunitário, reafirmando ao mesmo tempo a esperança num futuro novo e libertador, são também os objetivos da jornada que quer mobilizar a sociedade portuguesa, envolvendo todas as pessoas e instituições que assim o desejarem.

Em tempo oportuno, o Conselho Português de Igrejas Cristãs (COPIC) aderiu a esta proposta. Verdadeiramente, o sentido da memória operante, que não só recorda o passado como abre caminhos novos para o presente, está inscrito no caminhar do povo de Deus ao longo da história da salvação. Israel e o novo Israel que é a Igreja de Cristo, foram chamados por Deus, a fazer memória dos acontecimentos fundantes da sua própria identidade e liberdade. Em Êxodo 12, 14, Deus fala a Moisés e Aarão dizendo que, o dia da libertação da escravidão do Egito, deverá constituir para todo o povo um memorial a ser celebrado com grande festa e em honra do Senhor. E na instituição da Eucaristia, na dádiva sublime do seu corpo e do seu sangue, e no estabelecer da nova aliança, Jesus pede aos seus discípulos e aos discípulos de todos os tempos e lugares, para fazerem sempre memória da sua própria vida, paixão, morte e ressurreição: «*Isto é o meu corpo que é dado por vós; fazei isto em memória de Mim. Este é o cálice do meu sangue; fazei isto sempre que o beberdes, em memória de mim*» (II Coríntios 11, 23-25).

A memória da fé, que congrega e anima cada eucaristia dominical, é mais do que recordar ou lembrar de novo, acontecimentos passados. É também e na ação do Espírito Santo, acolher e caminhar com Jesus, no hoje da nossa existência. Um caminhar guiado por Ele, vivido ao seu jeito e modo libertador e sacrificial e sempre gerador de esperança e confiança no presente e no futuro. Liturgicamente, o sentido desta operante

memória eucarística, encontra-se muito bem expresso na Oração de Pós-Comunhão do nosso livro de liturgia: «*Possamos nós, que recebemos o Corpo de Cristo e bebemos do Seu Sangue, viver também a vida da sua ressurreição e comunicá-la aos outros; possamos nós a quem o Espírito ilumina, ser a tua luz no mundo*». A Eucaristia, mais do que um rito, é uma opção de vida sustentada num compromisso que não esquece o passado para poder assumir e transformar a complexa realidade que sempre faz parte do caminhar da humanidade. Inscrita em cada cristão pelo batismo, está operante uma memória coletiva que expressa o agir libertador de Deus e a resposta que enquanto povo, somos chamados a dar em cada tempo e em cada lugar.

Como já foi referido, o Covid-19 é o grande «revelador» do tempo presente. Revela-nos morte e trevas, vida e luz. Revela a nossa comum humanidade e como dependemos e dependeremos sempre, uns dos outros para o bem e para o mal. Revela-nos uma mesma família global que vive, sofre e luta de igual modo e com sentimentos iguais de dor e de esperança, de angústia e de superação. Paradoxalmente, a pandemia aproximou os povos no seu sofrimento comum e como que requer agora uma ação futura mais concertada entre todos os homens e mulheres de boa vontade.

É a esta luz que os cristãos das diversas Igrejas são chamados a colaborar e a animar a jornada nacional em outubro próximo. Fazer respeitosamente o luto afirmando serenamente a esperança que nos advém da consciência da presença de Deus no caminhar da humanidade. Fazê-lo solidariamente com outros e outras sabendo que ainda urge realizar muito para que o Covid-19 deixe de ser uma pandemia. Fazê-lo sustentados numa vivência Eucarística que celebrada em Igreja se concretiza no reafirmar da esperança que se constrói dia a dia através do amor partilhado com os mais sofridos.

Apelo, pois, ao compromisso e disponibilidade de cada crente, de cada comunidade e das Igrejas para esta jornada de «*Memória, Luto e Esperança*» de 22 a 24 de outubro próximo.

+ Jorge



CONFIRMAÇÕES, ADMISSÕES À EUCARISTIA E BODAS DE MATRIMÓNIO

PARÓQUIA DE S. JOÃO EVANGELISTA

Seguindo uma tradição antiga nesta paróquia, realizaram-se no domingo de Pentecostes, 23 de maio, dia em que a Igreja celebra o dom do Espírito Santo, confirmações de membros da Igreja. A cerimónia foi presidida pelo bispo diocesano e pároco de S. João Evangelista, que providenciou também, ao grupo de confirmandos, uma preparação prévia para a receção do rito sacramental. O momento, foi vivido com muita solenidade e alegria na consciência comum do importante passo de integração eclesial e de discipulado que voluntária e assumidamente estava a ser dado. Os confirmandos foram; José Miguel Santos, Inês Santos, José Tomás Santos e José Manuel Cerqueira. Sejam bem-vindos irmãos!

No domingo 6 de junho foram admitidas pelo pároco à Santa Comunhão três crianças; a Rita Beatriz Fontoura da Luz Soares, a Mariana de Oliveira Massa e a Inês Vieira Massa. A admissão foi feita no contexto celebrativo

e das leituras próprias da Festa litúrgica de Ação de Graças pela instituição da Santa Comunhão. Os pais e padrinhos das jovens estiveram presentes e no assumir das suas responsabilidades próprias no educar para a fé cristã, testemunharam este belo e significativo momento. De referir que ao longo do ano pastoral estas crianças foram preparadas para a admissão pela Joana Pina Cabral e pela Sofia Pina Cabral. A cerimónia teve uma participação numerosa das crianças e jovens da Igreja que deste modo se associaram ao evento. Todos estão assim de parabéns!

Ainda e a 18 de maio e 18 de julho, respetivamente os casais Sérgio Ramos e Maria João Morais e Samuel Lopes Apura e Umbelina Peres Apura, celebraram, as suas bodas de prata e de ouro.

Ambas as cerimónias foram vividas em espírito de ação de graças a Deus. Pelo amor vivido e renovado damos graças a Deus!



DEDICAÇÃO DE VITRAIS

E NOVO ESPAÇO NA PARÓQUIA DE S. MARCOS



No decorrer da celebração da Festa da Santíssima Trindade, ocorrida no passado dia 30 de maio, procedeu-se à dedicação dos novos vitrais da Igreja de S. Marcos (Salvaterra de Magos) e no final à apresentação do novo espaço adquirido pela Igreja Lusitana e destinado à realização de atividades paroquiais e de serviço à população envolvente. A cerimónia foi presidida pelo bispo diocesano que foi coadjuvado pela pároca Reverenda Ilma Rios e teve a presença do sr. Presidente da Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, Eng.º Hélder Esménio.

A instalação dos vitrais bem como a aquisição do novo espaço paroquial contíguo ao edifício da Igreja, só se tornou uma realidade, graças ao espírito de mordomia e de amor a Deus, do casal João e Miriam Borrego, membros desta comuni-

dade. Este testemunho de discipulado cristão foi sublinhado pelo bispo D. Jorge que apontou as novas possibilidades de Missão que se oferecem à Igreja. É necessário agora reabilitar o novo espaço e torná-lo funcional, processo que irá envolver a comunidade paroquial e a diocese. O edil da autarquia sublinhou o seu apreço pela história e missão da comunidade lusitana naquela vila ribatejana referindo a beleza da cerimónia a que tinha assistido e o facto de o novo espaço após a sua remodelação contribuir para a renovação urbana.

De sublinhar ainda que a celebração contou com a presenças de irmãos de outras comunidades lusitanas bem como de Igrejas irmãs.

Por tudo damos graças a Deus!

BODAS DE DIAMANTE

DA PARÓQUIA DE S. TOMÉ

A comunidade lusitana de São Tomé, comemorou 75 anos da sua presença na vila ribatejana de Castanheira do Ribatejo, no contexto da celebração eucarística dominical realizada a 20 de junho passado. A celebração presidida pela Arcipreste do Sul, Reverenda Ilma Rios, na impossibilidade da presença do Bispo Diocesano, foi vivida com grande alegria e em ação de graças e teve a participação de numerosos paroquianos e irmãos na fé.

O trabalho evangélico iniciado por José Ilídio Freire e seguido com entusiasmo pelo então estudante de medicina Luís César Rodrigues Pereira, mais tarde, sagrado Bispo da Igreja Lusitana, teve grande suporte na sua continuidade e afirmação local, através de Joaquim da Silva Ribeiro, ordenado a Presbítero e colado como Pároco a que se seguiu no pastoreio da comunidade a Reverenda Elisabeth Santos e Sena.

Atualmente é responsável pastoral a Diácona Raquel Teixeira com o apoio do Diácono Sérgio Cabaço e dos leitores Laudelina Camilo e Paulo Marcos. As palavras que estavam nos corações dos irmãos presentes na celebração deste aniversário eram seguramente Gratidão e Compromisso: gratidão a Deus pela dedicação de tantos irmãos que nos precederam no anúncio da Sua Palavra e compromisso pelos exemplos que nos deixaram e que devemos honrar, colocando ao serviço da igreja os dons que o Senhor nos concede.

Em tudo rendemos graças, louvamos o nosso Deus e Pai e fazêmo-lo em nome de Jesus.

Raquel Teixeira





CRIANÇAS ADMITIDAS À SAGRADA EUCHARISTIA PARÓQUIA DO REDENTOR

No domingo dia 13 de junho, foram admitidas à Sagrada Eucaristia, as crianças Beatriz Menezes Coelho e Sofia Mota Cadinha Salgueiro.

A celebração foi presidida pelo pároco Reverendo Carlos Duarte coadjuvado pelo Diácono Pedro Fernandes. A admissão culminou um cuidado processo de preparação que foi conduzido em conjunto pelo pároco e pela Sara Mota, monitora da Escola Dominical. Como expressão de alegria e de cuidado e acompanhamento pastoral e comunitário, cada criança recebeu uma bíblia e um livro de liturgia, instrumentos necessários à continuação do seu crescimento espiritual e eclesial.

A cerimónia foi presenciada por familiares e amigos bem como por muitos membros da comunidade que deste modo expressaram a sua alegria e disponibilidade para continuarem a acompanhar a Beatriz e a Sofia na sua caminhada de fé.



NOVA JUNTA PAROQUIAL EM S. MATEUS

No passado dia 4 de julho e no contexto da comunidade reunida para a Eucaristia dominical, tomou posse a nova Junta Paroquial de S. Mateus (Vila Franca de Xira), eleita em assembleia eleitoral própria. O novo elenco é constituído por; Eunice Chaparro, Maria Carlos Costa, Patricia Nascimento e Maria Fernanda Cabral. Na ocasião, a Reverenda Ilma Rios, pároca da comunidade e presidente da Junta Paroquial, sublinhou a necessidade de os desafios que decorrem desta tomada de posse serem assumidos por todas como uma forma privilegiada de servir a Deus e à Sua Igreja.

A nova Junta propõe-se agora abrir à semana as portas do salão paroquial para o desenvolvimento de um trabalho social que combine a dádiva do pão material com o pão espiritual. No decorrer de um trabalho anteriormente iniciado a Junta Paroquial irá assegurar a finalização das obras de restauro e de renovação que estão a ser realizadas no edifício da Igreja e do salão paroquial. Refira-se que estas obras serão cobertas pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira através de um protocolo estabelecido para este efeito.

120º Aniversário

PARÓQUIA DO SALVADOR DO MUNDO

Celebrai com Júbilo ao Senhor



No domingo, 16 de maio passado, a comunidade paroquial do Salvador do Mundo da Igreja Lusitana em Vila Nova de Gaia, viveu um tempo alto e abençoado, a propósito das comemorações do 120º aniversário da Paróquia (12 de maio de 1901 -12 de maio de 2021).

O programa começou bem cedo, com a inauguração do sistema de eletrificação do sino da torre da Igreja, que passou a tocar as horas do dia para o meio envolvente. Foi depois servido um Porto de Honra, seguido de uma visita à interessante exposição fotográfica e documental preparada para assinalar a efeméride.

O momento serviu também, para a inauguração de uma Loja Social, que passará a estar aberta duas tardes por semana graças à colaboração e presença de diversas voluntárias.

Deste programa de cariz social e de apoio espiritual, consta ainda a animação de ateliers de manualidades,

abertos ao sábado à tarde para a população. O produto destas atividades será integrado no Projeto Esperança de apoio a famílias com necessidades, através da entrega de cabazes alimentares.

Foi, pois, num clima de festa e de grande motivação, que se realizou a celebração eucarística presidida pelo Bispo diocesano, D. Jorge Pina Cabral, que foi coadjuvado pelo pároco Reverendo Sérgio Alves e pela Diácona Reverenda Isabel Silva.

Fruto de um cuidado trabalho preparatório, estiveram presentes diversos representantes autárquicos e de entidades civis de Vila Nova de Gaia, bem como, representantes de outras paróquias lusitanas e igrejas irmãs. De referir a presença do sr. Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Professor Doutor Eduardo Vítor Rodrigues.

SECRETARIADO DE DIACONIA DA IGREJA LUSITANA

“Façam todas as coisas com amor” (1ª Coríntios, 16:14)

O Secretariado de Diaconia da Igreja Lusitana – SDIL, foi criado no ano de 2020, por iniciativa do Bispo Diocesano e da Comissão Permanente. No Sínodo realizado em outubro de 2020 foi reconhecida a sua necessidade e potencialidades de intervenção particularmente atendendo ao contexto pandémico vivido.

Pretende-se que o SDIL possa apoiar as Paróquias/Missões/Organismos da Igreja Lusitana na sua ação de Diaconia(serviço), promovendo o encontro e dando a conhecer boas práticas existentes, sendo disso exemplo o trabalho que está a ser desenvolvido com as lojas sociais de algumas paróquias.

Para a concretização destes fins foi constituída uma equipa integrando membros do Arciprestado do Norte e do Sul, de diferentes paróquias e com diferentes percursos na Igreja Lusitana. Reunimos regularmente via plataforma zoom e lançámos um questionário às diferentes paróquias, para conhecermos o que de muito e bem se faz, mas simultaneamente promovendo um tempo de reflexão e procurando definir um plano de ação para este novo Secretariado.

Em contexto pandémico, temos privilegiado as plataformas digitais, tendo reunido já via Zoom com o Secretariado de Juventude da Igreja Lusitana, com a Paróquia de São Tomé em Castanheira do Ribatejo e com a Paróquia de São Mateus em Vila Franca de Xira. Em articulação com a AETP, o SDIL foi responsável pela entrega de 60 cabazes de Natal a famílias do Arciprestado do Sul com necessidades.

A nível da Comunhão Anglicana foi realizada uma reunião via zoom com o Serviço de Diaconia da Igreja Anglicana do Brasil, que permitiu para além de um conhecimento mútuo uma troca de experiências realizadas na área da diaconia e do serviço.

O SDIL estabeleceu ainda uma parceria com a Fundação Sonae, que permite a aquisição de bens alimentares e de primeira necessidade a preços mais reduzidos e procurará que as paróquias e projetos da Igreja possam beneficiar desta redução. No recomeço do ano pastoral o SDIL pretende ir a todas as paróquias e missões para a apresentação do seu trabalho.

Rute Serronha – Coordenadora do SDIL



NOVO CÓNEGO NA CATEDRAL

Foi num contexto diocesano, com a participação de clero e povo dos dois Arciprestados, que se realizou, a 29 de maio passado, a Instituição do Reverendo João Evangelista de Jesus Hipólito como Cónego da Catedral de S. Paulo, no seguimento da decisão unanimemente tomada a este propósito, pelo Sínodo Diocesano reunido em outubro de 2020. A cerimónia, presidida pelo bispo diocesano e participada também por muitos familiares e amigos do novo Cónego, teve ainda um condão de festa acrescido, dado que foi o primeiro evento realizado a nível diocesano após o período de confinamento e fecho das Igrejas. Em todos os presentes a alegria do reencontro físico e presencial gerador da comunhão e unidade eclesial.

Na Ordem da Instituição, após a homilia e uma ação de graças própria, o novo Cónego foi apresentado ao Bispo, afirmando-se preparado e sustentado na confiança e na força do Espírito Santo para as suas novas funções e responsabilidades. Lida a carta de Instalação, o Reverendo João Hipólito foi instalado como Cónego da Catedral recebendo os paramentos

distintivos do seu novo múnus e colocado no cadeiral próprio junto ao Cónego Carlo Aluigi, que apesar da sua propecta idade, não deixou de se fazer presente.

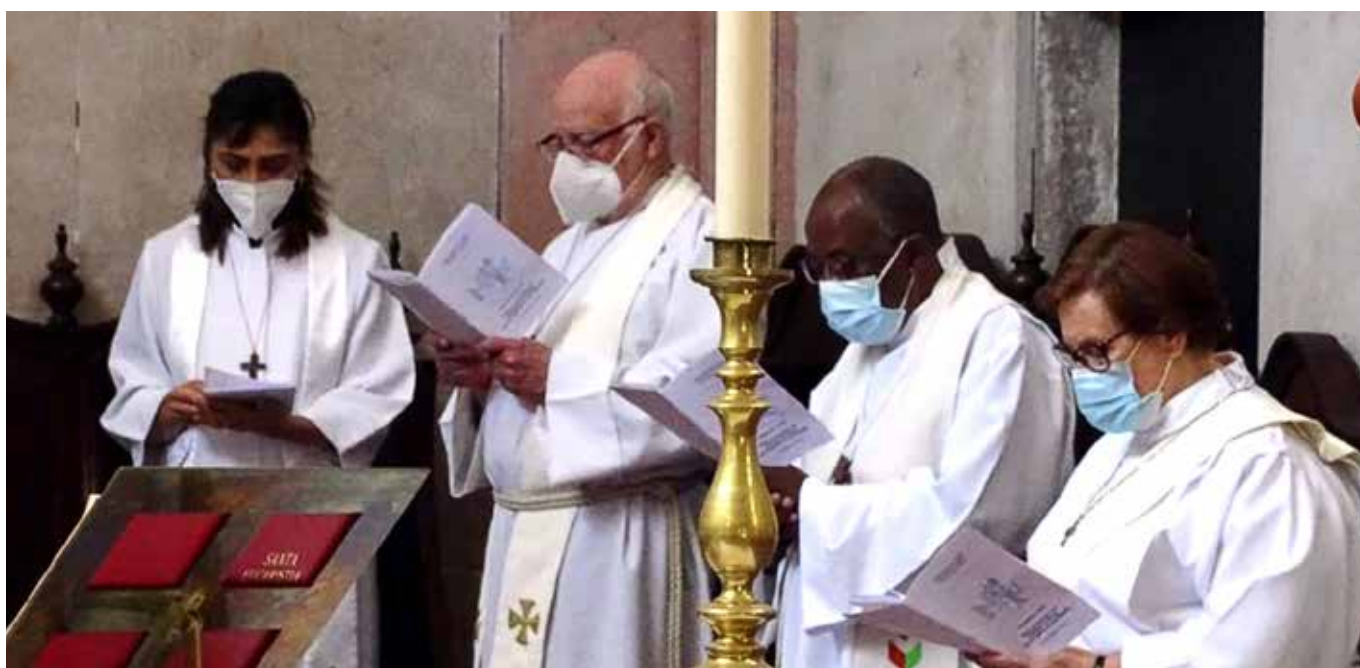
Na homilia proferida e sustentada no capítulo 9, versos 35 a 38, do Evangelho de S. Mateus, D. Jorge deu graças a Deus pela vida de fé, de serviço e de ministério de João Hipólito, referindo que na diversidade de dons que Deus lhe concedeu, o novo Cónego é bem a imagem do trabalhador que se foi adaptando às diversas solicitações e desafios que Deus e a vida lhe foram colocando. Sublinhou ainda, que no contexto dos novos desafios suscitados pela pandemia, urge também em Igreja, criar novos ministérios no respeito pela herança eclesial recebida.

A celebração foi enriquecida por testemunhos pessoais que sublinharam o particular percurso de vida e de fé do Reverendo João Hipólito. De referir ainda a enriquecedora participação do Coro da Paróquia de S. Tomé e de uma solista do Instituto Gregoriano de Lisboa, ambos acompanhados pelo organista David Dehner.

A IMPORTÂNCIA DO TESTEMUNHO PESSOAL

"Partilhar a vivência da minha instalação como cónego da Catedral de São Paulo prolongou a reflexão que me acompanha desde a decisão do Sínodo, e minha inerente responsabilidade acrescida. O sentimento de insuficiência face às minhas competências para responder às expectativas, legítimas, que a comunidade exprimia assim a meu respeito, aumentou na proporção direta da minha ignorância do significado concreto dessas expectativas. O sentimento mais forte foi misto: inquietação, peso da responsabilidade, mas grande alegria pelo envolvimento e suporte da comunidade. Grande alegria. Amigos e ex-companheiros do Caminho, alguns agora afastados da Igreja estavam, inesperadamente para mim, presentes, assim como família chegada nos laços familiares, mas afastada na fé.

Ficou mais forte em mim a importância do testemunho pessoal que a minha vida deve dar. Pensei na instalação dos Cónegos Félix e Aluigi, no Cónego Soares de Carvalho, fonte de sapiência e fé, que partilhava regularmente na Catedral e senti-me muito insuficiente, mas ao mesmo tempo com o apoio da comunidade leiga e eclesial, com alegria e esperança redobrada farei de meu melhor para Servir." - *Cónego João Evangelista de Jesus Hipólito*





Sob o lema “Unidos no Amor e na Esperança”, realizou-se no passado dia 12 de junho, na Catedral de S. Paulo da Igreja Lusitana, em Lisboa, uma celebração de Acção de Graças pelos 50 anos da fundação do Conselho Português de Igrejas Cristãs – COPIC. Esta Celebração expressou a gratidão a Deus pelo trabalho Ecuménico desenvolvido, lembrou os pioneiros dos anos 70 e o seu incansável trabalho para a Unidade, a partir das Igrejas fundadoras – Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, e recentemente com a Igreja Evangélica Alemã do Porto. Foi também uma oportunidade de ação de graças pelos 20 anos da lei da liberdade religiosa em Portugal e da edição da «Carta Ecuménica para a Europa».

A cerimónia foi presidida pelo Bispo D. Jorge Pina Cabral, na qualidade de Bispo da Igreja Lusitana e Presidente do COPIC, que na saudação inicial proferida, referiu que no caminhar ecuménico em Portugal, o Conselho tem sido um construtor de pontes entre Igrejas e organismos de tradições diferentes. Sublinhou também o particular contexto pandémico em que é vivido e celebrado este aniversário, e a necessidade de todos se unirem na prática do Amor e na partilha da Esperança, para bem da sociedade que se quer servir. Com ele estiveram José Sifredo Teixeira, Bispo da Igreja Metodista; o Pastor Paulo Medeiros Silva, Presidente da Igreja Presbiteriana; o Presidente da Conferência das Igrejas Europeias, Rev. Christian Krieger; o

Presidente da Conferência das Igrejas Protestantes dos Países Latinos na Europa, Rev. Pastor Alfredo Abad, e representantes do Clero das Igrejas Fundadoras e associadas.

Enriquecendo a dimensão ecuménica, a Conferência Episcopal Portuguesa da Igreja Católica Romana, fez-se representar pelo seu Presidente, Bispo D. José Ornelas e pelo Bispo Auxiliar do Porto, D. Armando Esteves Domingues, responsável da Comissão Episcopal Missão e Nova Evangelização. Marcando também uma presença fraterna e de cooperação esteve o Senhor Presidente da Aliança Evangélica Portuguesa, Dr. António Calaim. No plano civil, destaque para as presenças de sua Excelência o Senhor Presidente da República e do Senhor Presidente da Comissão da Lei da Liberdade Religiosa. Com a lotação enquadrada pelas regras de distanciamento sanitário em vigor, participaram também numerosos membros de diversas Igrejas e Instituições.

Foi celebrada uma liturgia de ação de graças com diversas expressões musicais no decorrer da qual, o Bispo Sifredo Teixeira versando o tema da Unidade no Amor referiu «que já estamos a viver um tempo em que as Igrejas Cristãs neste país estão a assumir que devem estar mais próximas e unidas no Amor de Cristo» e o Pastor Paulo Silva sublinhando a necessidade da Unidade na Esperança, acentuou que o Ecumenismo consagra sempre um desafio de abertura, de inclusão e de diálogo.

UNIDOS NO AMOR E NA ESPERANÇA

Durante a Celebração, foi assinado por cinco entidades ecuménicas e do campo cristão em Portugal, o Memorando “Eco Igrejas Portugal”, com o objetivo de promover nas Igrejas e comunidades cristãs, princípios eco teológicos e consequentes vivências e opções individuais e comunitárias. Esta assinatura conjunta, pelo que consagra de futuro compromisso comum entre diferentes Igrejas, passou a constituir um marco no caminhar ecuménico em Portugal. As entidades signatárias foram; COPIC, Conferência Episcopal Portuguesa, Aliança Evangélica Portuguesa, «A Rocha» - Organização Não Governamental e a Rede «Cuidar da Casa Comum».

No decorrer da sua intervenção e referindo-se à assinatura deste Memorando, o Dr. Vera Jardim, Presidente da Comissão da Liberdade Religiosa, acrescentou que o mesmo é um Documento de compromisso Ecuménico que visa chamar a atenção, para que em nome da salvaguarda ecológica, possamos caminhar em conjunto, porque “perder essa guerra é a perda da Humanidade”. Terminou, afirmando-se convencido, que a grande tarefa que as igrejas Cristãs têm pela frente é trabalhar para a Unidade.

No fim, tomou a palavra o Sr. Presidente da República, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, que afirmou não se poder ignorar que o COPIC, celebrando 50 anos de existência, nasceu no termo da ditadura, tornando-se assim um sinal auspicioso anterior à Democracia e à Liberdade.

Referindo-se ao aniversário da lei da liberdade religiosa afirmou que “a liberdade de pouco vale se não for acompanhada de mais igualdade e justiça, menos pobreza, menos exclusão, menos marginalização...vivemos num tempo perigosamente egoísta, e as crises dos anos 60, 70, 80 e 90 e as deste século foram muito duras, difíceis, e a convidar ao egoísmo.” Lembrou também que a pandemia tem sido um grande desafio para as Igrejas Cristãs, e para todos os seres humanos de Boa Vontade terminando a sua intervenção com uma sentida mensagem de gratidão:

“Como quem afirma que a fraternidade comunitária e completa, enriquece e leva mais longe a fraternidade apenas do sangue...Quero hoje agradecer a todos os que fizeram este caminho de 50 anos neste espírito de Unidade e de Fraternidade...”

“Quero agradecer-vos em nome de todos os Portugueses.”

De assinalar, que pela primeira vez e no âmbito do COPIC, a celebração foi transmitida em direto pelas plataformas digitais contando já com cerca de 1.500 visualizações. Por tudo «Nós te louvamos e agradecemos».





«QUERO AGRADECER-VOS EM NOME DE TODOS OS PORTUGUESES»

"(...) 50 anos...significa que este Conselho nasceu mesmo no termo da ditadura, nos poucos sinais auspiciosos anteriores à Democracia e à Liberdade. Ainda assim nasceu, aqui foi recordado, num clima que era um clima de pouco diálogo, pouca tolerância, pouca aceitação da diferença, de pouco respeito pelo Direito de tantos outros.

É diferente a situação hoje. A liberdade religiosa é um princípio fundamental da Constituição e devemos ao COPIC o ter sido o pioneiro, perscrutadora, num caminho que é recomeçado dia após dia, unindo várias Igrejas Cristãs, Metodista, Presbiteriana, Lusitana, Evangélica Alemã no Porto, abrindo o diálogo com a Conferencia Episcopal Portuguesa e com a Aliança Evangélica. Mas abrindo mais, abrindo à sociedade, não sendo uma unidade fechada, mas uma unidade aberta.

E do mesmo modo que aprendemos a Democracia fazendo-a todos os dias, primeiro nos direitos pessoais e entre eles o direito à Liberdade Religiosa, depois nos direitos políticos, e indo mais além, nos direitos económicos, sociais e culturais, de várias gerações, cada vez mais ambiciosas para chegarem

a mais portugueses. A liberdade de pouco vale se não for acompanhada de mais igualdade, de mais justiça, de menos pobreza, de menos exclusão, de menos marginalização (...).

A crise pandémica que ainda vivemos e que tem durado bem para além de um ano de vida de todos os cidadãos do mundo, tem sido uma provação e um desafio também ao COPIC, também a todas as Igrejas Cristãs, também a todos os seres humanos de Boa vontade. As todos aqueles e aquelas que acreditam na dignidade da pessoa humana, um tempo e tragédia, como aqui foi dito, mas um tempo de amor e de esperança. Unidos no Amor. Unidos na Esperança. Aqui foi lido e aqui foi meditado e dito.

Quero hoje agradecer-vos a todos, os que fizeram este caminho de 50 anos, esse espírito de Unidade e de Fraternidade.

Quero agradecer-vos em nome de todos os Portugueses."

*Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República Portuguesa*

UNIDOS NO AMOR E NA ESPERANÇA



MEMORANDO DE ENTENDIMENTO HISTÓRICO

PROGRAMA ECO IGREJAS PORTUGAL

O programa Eco Igrejas Portugal é liderado por uma Organização Não Governamental de Ambiente - A ROCHA e tem como parceiros a Aliança Evangélica Portuguesa, o COPIC (Conselho Português de Igrejas Cristãs), Conferência Episcopal Portuguesa e a REDE Cuidar da Casa Comum/Fundação Gonçalo da Silveira.

Este programa tem os seguintes objetivos gerais:

- Promover a ética da sustentabilidade, contida nos princípios eco teológicos do cristianismo, na prática concreta das comunidades cristãs;
- Partilhar exemplos de boas-práticas que possam ser tidos em conta na tomada de decisão orientada para a sustentabilidade ecológica das comunidades cristãs;
- Facilitar o acesso à opinião de peritos em transição ecológica que efetuem recomendações concretas no âmbito de uma ecologia sustentável e integral;
- Promover a comunicação da sustentabilidade das comunidades cristãs, locais de culto e equipamentos em Portugal;
- Criar impactos ambientais positivos de grande escala, não só através da participação dos públicos internos das comunidades cristãs, mas também do público em geral em ações ambientais concretas e mensuráveis;
- Contribuir para a mudança de estilos de vida na linha de uma ecologia sustentável e integral.

A ferramenta que se propõe no âmbito do Programa tem a vantagem de fornecer às comunidades cristãs uma checklist de boas práticas em várias dimensões:

- Celebração e formação;
- Gestão de edifícios;
- Gestão de outras propriedades;
- Envolvimento comunitário e global;
- Estilos de vida.

COPIC – DIÁLOGO, DESCOBERTA, AMIZADE

Tocha (Cantanhede) e Granja do Ulmeiro (Alfarelos) foram as duas pequenas comunidades presbiterianas do meu nascimento, infância e juventude. Num tempo em que nestas comunidades locais ainda não se ouvia falar de Movimento Ecuménico!... Quando, em 1960, entrei para o Seminário Evangélico de Teologia (SET) em Carcavelos, entrei na instituição que muitos consideram “o berço do Ecumenismo em Portugal”. Aí “nasci” para o Movimento Ecuménico, pela formação teológica orientada nessa linha, pela comunidade estudantil formada por alunos com origem em várias denominações cristãs, pelo corpo docente com professores oriundos de diferentes Igrejas e países, pelos contactos do SET com Faculdades de Teologia de muitas partes do mundo, pela participação em grupos ecuménicos de estudo bíblico na área de Lisboa. Logo nos primeiros anos do meu pastorado surgiram o Centro Ecuménico Reconciliação e o COPIC, nos quais me envolvi desde a primeira hora e que fizeram parte do meu percurso de vida e de pastor, onde o “ecuménico” esteve sempre presente.

No COPIC aprendi muito sobre o valor do “Diálogo”. Naqueles tempos, por várias razões, nós, comunidade e crentes “protestantes”, éramos bastante ciosos e proselitistas e com não pouca agressividade em relação aos “outros” e prontos para defender as nossas verdades com unhas e dentes. Muito mais prontos para falar e apresentar argumentos, do que para escutar o que outros tinham para dizer e argumentar. Pelo menos eu era assim, porque assim eram as comunidades onde tinha crescido. Creio que no COPIC, fosse a nível dos encontros dos Corpos Sociais, das pastorais em conjunto ou dos encontros mais alargados à participação dos membros das nossas Comunidades, todos crescemos na capacidade de saber ouvir os outros e de respeitar o que cada um era e dizia – aprendemos melhor o significado do Diálogo, o “dia-logos” (através dos Logos, através de Cristo).

E foi pelo diálogo que, creio, todos nós chegámos à Descoberta. Todos nós temos ideias acerca dos outros, do que eles são e do que pensam e, com base nisso, fazemos o seu “retrato” e posicionamo-nos em relação a eles de acordo com o retrato que fizemos. E no diálogo descobrimos quantas ideias erradas tínhamos sobre os outros e, também, quantas ideias erradas os outros tinham sobre nós. “Descobrir” as Igrejas Lusitana e Metodista e dar “a conhecer” a Igreja Presbiteriana aos meus Irmãos Lusitanos e Metodistas, sobretudo aprofundar e alargar o pouco que sabia e corrigir o que pensava saber delas,

foi extremamente enriquecedor para mim e inspirador para o meu pastorado. O que também me fez revalorizar bênçãos que tinha recebido através daquelas Igrejas. Da Igreja Lusitana, o ensino do Rev. Eduardo Moreira, um extraordinário Professor no SET, que depois foi também um colega muito amigo que, por muitos anos, ocupou o púlpito um domingo por mês na Igreja Presbiteriana Lisbonense onde fui Pastor. Da Igreja Metodista, pelo ano em que fui criança da Escola Dominical na Igreja de Aveiro e onde, eu creio, recebi as primeiras sementes da minha vocação pastoral lançadas pelo meu tio Benvindo, pregador leigo daquela Comunidade (“Um dia vais ser pastor”, dizia-me ele).

E assim, pelo Diálogo e pela Descoberta, criámos relações de muita Amizade que nunca se romperam, senão com o fim da vida de alguns e que permanecem na minha memória. Recordo aqui uma delas, porventura pouco conhecida: a minha amizade com o Bispo Luís Pereira. Durante muitos anos a sede do COPIC estava em Coimbra, na Igreja-Lar Emaús. Durante vários desses anos eu e D. Luís viajámos juntos para as reuniões da Direção e do Colégio da Presidência do COPIC. Como eu morava no Montijo e ia de carro, parava em Vila Franca de Xira, tomava o pequeno-almoço com o casal Pereira, e seguíamos juntos para Coimbra. Como não havia ainda autoestrada depois de Vila Franca, a viagem era demorada. Passámos juntos muitas horas. Descobri em D. Luís um homem simples e bom que, apesar do seu estatuto de Bispo e Médico ilustre, nunca criou “distância” entre nós, profundamente evangélico e empenhado na unidade da Igreja. Disso falávamos muito e lembro-me de uma vez me ter dito, a propósito do diálogo Metodista/Presbiteriano: “Rev. Salvador (assim me tratava ele) olhe, eu acho que seria mais fácil a união da Igreja Presbiteriana com a Igreja Lusitana do que com a Igreja Metodista!...”

Um dia, perto do fim do seu exercício episcopal, quando alguns queriam que ele continuasse, confessou-me: “Disse-lhes: deixem-me ir embora enquanto eu quero sair. Se não, pode chegar o dia em que queiram que saia e eu já não queira!...”. Tomei este princípio como muito bom para minha própria orientação!...

Sim. O COPIC valeu a pena!...

*Pastor José Salvador
Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal*

ORIGENS DO COPIC

A colaboração ecuménica entre as Igrejas Sinodais (Lusitana, Metodista e Presbiteriana) começou nos meados da década de 50 do século XX, para efeitos de relações com as entidades ecuménicas (Conselho Mundial de Igrejas e outras) e para se candidatarem aos apoios financeiros para os projetos das Igrejas. Estas Igrejas em comum criaram a Comissão Inter-Eclesiástica Portuguesa, que se ocupava quase exclusivamente em apreciar os pedidos de apoio financeiro de cada Igreja, de os enviar para as Agência de Ajuda e para os Departamentos próprios do Conselho Mundial de Igrejas, e posteriormente distribuir esses apoios aprovados e recebidos pelas entidades que os tinham solicitado.

Era um pequeno grupo, constituído pelos dirigentes máximos de cada confissão (o Bispo da Igreja Lusitana, o Super-Intendente-Geral da Igreja Metodista e o Presidente da Igreja Presbiteriana) e mais um elemento Leigo ou eclesiástico de cada uma delas.

Foram por esses anos figuras destacadas nestas atividades o Bispo D. Luís Pereira, da Igreja Lusitana, e o Reverendo Albert Aspey, da Igreja Metodista; o Reverendo Dr. Michael Testa, da Igreja Presbiteriana; assim como o Dr. Luís Silva, Leigo da Ig. Metodista; o Dr. Leopoldo de Figueiredo, da Ig. Lusitana, e o Pastor João Neto, então ainda um jovem Ministro eleito Presidente da Ig. Presbiteriana.

O trabalho em comum desenvolvido por estes líderes foi criando laços de confiança e estima. A natural avaliação em comum das difíceis circunstâncias sociais e políticas que as Igrejas e as pessoas viviam nessa altura; a formação em conjunto dos futuros Pastores no Seminário Evangélico Presbiteriano com professores e alunos das diversas Igrejas; a realização do Concílio Vaticano II; os desenvolvimentos ecuménicos na igreja Católica Romana, etc., começaram a gerar sentimentos de insatisfação quanto à falta de um organismo ecuménico em Portugal que promovesse atividades de cooperação noutras áreas para a além da interajuda. A fundação em 1969 do Centro Ecuménico Reconciliação, pelas três Igrejas e outros organismos em colaboração, na Figueira da Foz, acentuou ainda mais essa necessidade, pois as finalidades do Centro Ecuménico visavam sobretudo a problemática Igreja/Mundo e não se davam prioridade às relações puramente ecuménicas. Por acumulação de todas estas razões, a Comissão Intereclesiástica foi alargada com a finalidade de preparar a constituição de um futuro Conselho

Português de Igrejas Cristãs. Assim se fez, tendo o Dr. Daniel Pina Cabral, advogado e destacado Clérigo Lusitano, sido incumbido de redigir a primeira versão dos Estatutos. Esses Estatutos foram objeto de muito estudo e discussão em muitas reuniões desta Comissão ao longo de mais de dois anos, tendo sido finalmente aprovados pelos Sínodos das Igrejas envolvidas neste projeto. Eu mesmo fui ao longo de todo este tempo um dos membros desta Comissão e sempre muito interveniente.

Esses Estatutos previam a figura de um Colégio da Presidência, constituído pelos hierarcas das Igrejas Membros, de um Secretário, por eles selecionado e de uma Direção. Fui eu o escolhido para Secretário-Geral, possivelmente devido ao meu envolvimento pessoal com as atividades e o pensamento ecuménicos desde o início do meu Ministério em 1957. Como à data da fundação do COPIC – 10 de Junho de 1971 – num grande Culto ao ar livre realizado no Centro Ecuménico Reconciliação – eu estivesse dedicado ao Ministério em Coimbra, na Igreja-Lar “Emaús” (um projeto criado em parceria pelas Igrejas Metodista e Presbiteriana), foi numa das salas deste edifício que se estabeleceu a sede do novo trabalho, cujo Secretariado fui convidado a desempenhar em regime de part-time, continuando com as outras atividades pastorais que desempenhava na altura.

*Bispo Emérito Ireneu Cunha
Igreja Evangélica Metodista Portuguesa*



10 de Junho de 1971 - Constituição do COPIC



Beneficência Evangélica do Porto

O FUTURO COMEÇOU ONTEM

Depois de um excelente trabalho realizado durante vários anos pelos anteriores Corpos Sociais, foi entendido ser a altura de lançar um novo desafio a uma nova equipa para assegurar a gestão dos destinos da BEP à qual me orgulho pertencer. Esta Instituição, criada em 1933, tem vindo a cumprir os seus desígnios com maior ou menor dificuldade mas sempre num espírito de serviço e de missão para com aqueles que, por variadíssimas razões, recorrem aos seus cuidados. As duas residências lá continuam e os seus vinte e cinco Utentes também, assim como a brilhante equipa que os acompanha 24 horas por dia, 365 dias por ano.

A BEP não tem fins lucrativos e luta permanentemente para manter o seu balanço equilibrado. Apesar disso, e porque o equipamento onde exerce o seu serviço é antigo e manifesta já grandes limitações estruturais e técnicas para evoluir, entendeu-se ser a altura de dar um enorme passo para o futuro. Construir um Novo Lar.

É verdade! Vamos envidar todos os esforços para que este objectivo seja conseguido. Daí o sub-título, “O Futuro Começou Ontem”, pois a anterior Direcção trabalhou já muito, e bem, neste projecto. Temos o terreno, o projecto, os diversos licenciamentos, e, queira Deus, alguma verba proveniente do PARES 3 a que nos propusemos. Já “só” faltará mesmo construir. Cresceremos em capacidade e em condições de qualidade que, neste momento, não estamos em condições de oferecer. A nova Direcção herdou por isso uma tarefa que, seguramente, só conseguirá levar a cabo com o vosso apoio. Digo muitas vezes que só pode ser ajudado quem quer ser ajudado. Continuo a acreditar nisso e nós (a BEP) queremos e precisamos de ser ajudados.

Precisamos de novos membros, para que, com a sua pequena contribuição anual, darem um pouco mais de estabilidade às contas da BEP. Precisamos de contribuições especialmente destinadas ao Novo Lar pois a parte que cabe à Instituição suportar é ainda significativa. Precisamos, muito, das vossas orações para que consigamos levar a cabo esta ambiciosa tarefa. A Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica esteve na criação da BEP. Tem estado, sempre, no suporte da sua actividade e bem presente nos seus Corpos Sociais.

Eu, o Diogo Neto, o Rui Soares, a Maria José, o José Manuel, o Jaime Dias e o Luis Massa, a nova Direcção da Beneficência Evangélica do Porto, contamos convosco e iremos manter-vos sempre informados sobre a evolução deste projecto, estando sempre à vossa disposição.

*Falem connosco.
Vosso em Cristo,*

*Joaquim Francisco Silva Pinto
Presidente da Direcção*



NOVA PROVÍNCIA LUSÓFONA UNE MOÇAMBIQUE E ANGOLA

Está já na sua fase final o processo, no seio da Comunhão Anglicana, para a criação de uma nova Província lusófona em África. A nova Província será formada pela nova Igreja a ser denominada de Igreja Anglicana de Moçambique e Angola. Está previsto que a nova Província passe a ser formada por 12 dioceses passando do atual modelo de 4 grandes dioceses para 12 dioceses mais pequenas. Deste modo Angola passará de 1 para 4 dioceses e Moçambique de 3 para 8 dioceses. O processo foi iniciado há já vários anos e resulta da necessidade de providenciar um maior apoio episcopal à realidade numérica e geográfica de Igrejas que estão em franco crescimento abrangendo vastas regiões em ambos os países. Um outro aspeto determinante prende-se com a existência de uma mesma herança que é a língua lusófona e a cultura Africana própria destes dois países que é distinta da realidade Africana influenciada pela cultura Anglo-Saxónica predominante na Província Anglicana do Sul da África na qual Moçambique e Angola ainda estão integrados.

A nova Província irá adotar um modelo de um Bispo Presidente com um mandato de 5 anos renovável apenas uma vez. O Deão da Província será sempre um Bispo da Igreja diferente da do Bispo Presidente e será constituída uma Comissão Permanente Provincial. Atualmente e nos dois países estão a ser inauguradas as novas dioceses previstas para a constituição da nova Província e o processo será concluído com a aprovação final dos Primazes da Comunhão Anglicana. O Bispo da Igreja Lusitana, foi indicado para ser o representante do sr Arcebispo de Cantuária no Comité Exploratório responsável pelo acompanhamento do processo de constituição da nova Província. Em declarações ao Novo Despertar, D. Jorge referiu a sua imensa alegria e privilégio em poder contribuir para o desenvolvimento das Igrejas irmãs Anglicanas de Moçambique e Angola. Sublinhou a nova visão para o futuro da Missão destas Igrejas e que assenta na união de recursos humanos, materiais e espirituais e no assumir de uma cultura e história comum. No contexto da Rede Lusófona da qual é coordenador, o Bispo da Igreja Lusitana sublinhou o imenso contributo que esta nova Província trará para o afirmar da lusofonia no contexto da Comunhão Anglicana.

HANS KÜNG

UM PALADINO DO MOVIMENTO ECUMÊNICO

No passado dia 6 de Abril, com 93 anos de idade, embora de nacionalidade Suíça, morreu na Alemanha, Hans Küng, Teólogo e incondicional defensor e estudioso do Movimento Ecuménico.

Com obra distribuída por 17 volumes, traduzidos em cerca de 20 línguas, algumas foram consideradas best-sellers dada a sua importância e reconhecimento.

H. Küng nasceu em 19 de Março de 1928 perto de Lucerna e licenciou-se em Teologia em Roma. Ainda em Roma, após a sua Ordenação logo nas suas primeiras Homilias provocou algum mal-estar devido ao pensamento crítico para com alguns aspectos da Teologia e práticas da Igreja Católica Romana.

Hans Küng começou por se notabilizar com a sua tese de Doutoramento defendida no Instituto Católico de Paris e dedicada ao estudo da “Justificação pela Fé” na Obra de Karl Barth, que era na altura considerado o mais importante Teólogo Reformado do Século XX. Apesar desta Tese ter sido recebida com entusiasmo, porque proponha que a Teologia da Justificação pela Fé já não era argumento para a separação entre as Igrejas saídas da Reforma e a Igreja Católica Romana, esta questão, que o vai continuar a perseguir em todo o seu pensamento teológico e em todas as suas obras, não deixou de o colocar sob vigilância institucional. Em 1959 com a convocação por João XXIII do Concílio Vaticano II, o mundo Católico Romano estremecia de surpresa.

É a partir dessa data que H. Küng se dedica ainda mais ao estudo das questões Ecuménicas e da Unidade entre as Igrejas, dado que este parecia que iria ser um dos temas centrais do Concílio. Deste estudo iria resultar logo no ano seguinte, 1960, um livro com o título: “Concílio e Retorno à Unidade – Renovar-se para suscitar a Unidade”. Em 1962 já com prestígio académico e intelectual bem firmado, H. Küng, na sua qualidade de especialista, será nomeado por João XXIII assessor dos Bispos da então República Federal Alemã. É nesta responsabilidade que haveria de partilhar tarefas, conhecimento e amizade com um outro homem que no mundo intelectual Católico Romano também se estava a notabilizar: Joseph Ratzinger.

Em matéria de publicações estava apenas no início uma torrente de livros sempre em ascensão de qualidade de pensamento e dedicados à Unidade da Igreja. Nos anos 60 e 70 surgiram algumas das mais indispensáveis e polémicas

obras que tendo todas um cariz crítico nos ajudam a conhecer o seu pensamento e ideais: “Ser Cristão”; “Existe Deus?”; “A Igreja”; e “Infalível – Uma pergunta”. Estas obras por terem adquirido uma fama sem precedentes no mundo do Cristianismo, haveriam de cair na suspeição da Congregação para a Doutrina da Fé. Nelas levantavam-se questões teológicas e doutrinárias tão sensíveis como o dogma da infalibilidade papal, acerca do qual H. Küng não duvidava em afirmar que seria sempre o maior obstáculo do movimento Ecuménico.

Seria um homem incómodo porque o seu pensamento não era superficial, nem fundamentalista, mas baseado em profundas reflexões históricas, filosóficas e teológicas e sempre com vista à fé profunda e em nome de uma Igreja animada pelo Evangelho de Cristo. Será desta forma que vai escrever sobre temas tão sensíveis como a Ordenação das Mulheres e o Celibato.

No seu livro “Cristianismo” defendeu que era urgente encontrar um novo modelo para uma Igreja que ele chamou “pós-confessional” ou “Ecuménica”, para que o cristianismo evitasse transformar-se numa seita.

Todas estas suspeitas acabariam por resultar, no pontificado de Paulo VI na sanção correspondente à suspensão do ensino da Teologia Católica, e na condenação ao silêncio no pontificado de João Paulo II em 1979. Mesmo assim passados uns momentos de profunda depressão e desencantamento decidiu criar e presidir à Fundação Ética Mundial “Weltethos” (Etos Universal) que tem como objetivo patrocinar o diálogo entre as religiões, as culturas e as nações com o objetivo de fazer da paz e da convivência um caminho comum de entendimento e respeito.

Anos mais tarde, já com Joseph Ratzinger como Papa Bento XVI, continuou crítico do apoio que este Papa dispensou aos seguidores de Monsenhor Lefebvre, que recusavam os principais documentos do Concílio Vaticano II ou do apoio que Bento deu aos clérigos Anglicanos que recusaram a ordenação das Mulheres ao Ministério Episcopal. Do ponto de vista dos projetos mais prementes para as mudanças na Igreja Católica Romana, nem João Paulo II nem Bento XVI corresponderam a um verdadeiro papel reformador, chegando mesmo a afirmar que “Durante dezenas de anos chamei a atenção...para a enorme crise que medrava dentro da Igreja Católica e que é de facto uma crise do governo da Igreja...”

Claramente para H. Küng, o Papa Francisco foi a esperança da mudança e o homem disponível a cumprir o que de melhor o Concílio Vaticano II tinha decidido, no entanto nem tudo se concretizou conforme os seus sonhos.

A questão mais premente, e para ele mais desafiadora, era se a Igreja Católica Romana ainda se poderia salvar? Esteve sempre convencido que sim porque ela sempre resistiu com coragem a todos os momentos mais dramáticos da sua própria História.

Antes e depois da sua morte para muitos continua a colocar-se a questão muito séria: seria ele um Teólogo Católico Romano autenticamente Protestante, ou um Teólogo Protestante autenticamente Católico Romano? Isto apesar de também o Protestantismo não ter escapado às suas críticas devido às suas cedências nacionais e à sua crescente fragmentação maioritariamente concorrencial.

Terminamos estas notas da memória desta grande figura da Teologia lembrando que sentiu uma grande e profunda alegria, quando em 1999 foi assinado um acordo histórico entre Protestantes e Católicos Romanos, na simbólica cidade de Augsburg, e que encerrou cinco séculos de polémicas acerca da “Justificação pela Fé”.

Mas seria no dia 17 de Outubro de 2017 onde tudo tinha começado no dia 17 de Outubro de 1517, na Capela do Castelo de Wittenberg, que este mesmo Acordo seria solenemente assinado por Luteranos, Católicos Romanos, Reformados, Anglicanos e Metodistas.

Como afirmou Anne Soupa, uma das suas melhores amigas:

“Este David terminou sem dúvida o seu combate pensando ter perdido contra Golias, mesmo tendo lutado outras lutas pessoais, talvez mais essenciais... Mas quando a vaga tradicionalista explodir por não ter qualquer visão de futuro, as questões essenciais colocadas por Hans Küng ressurgirão e, nessa altura, a Igreja não poderá deixar de se ocupar delas...”.





TEOLOGIA

Na Igreja Episcopal dos Estados Unidos, as interrogações sobre os desafios que os bispos são confrontados com muitas permissões permitida esta forma de celebrar a Eucaristia para os membros das congregações?». Há alguma ética sexual cristã?», Rowan Williams abordavam sobre os ritos matrimoniais para o diálogo entre «o permitido e o não permitido» e a verdadeira interrogação (e muito mais profunda) não era simplesmente se uma determinada «como estamos preparados para que estejamos preparados para que tenha significado pelo que significam.

Os Sacramentos são ações que dão um significado sobre o modo como adoramos, num tempo de questão sobre a nossa preparação para um futuro. Os sacramentos são ações comunitárias que envolvem pão e vinho, água e azeite. Dependem da realidade acolher as histórias da salvação, da imortalidade. Estas são realidades físicas e sociais que dão significado a uma celebração Eucarística é uma coisa; a presença do pão e vinho da Eucaristia é outra. E, claramente, experiências.

E tal é seguramente o mais importante. O Anglicanismo predominante insistiu que a celebração da Eucaristia é uma coisa; a presença da comunidade, com pelo menos duas pessoas, é a tradição do Livro de Oração estava presente. A conexão essencial entre a celebração da Eucaristia e o pão e vinho. Com o tempo, muitos fatores influenciaram a celebração da Eucaristia até finais do século XX. A Manhã converteu-se no Ofício comum e a celebração da Eucaristia é correto e bom que a situação tenha mudado. A celebração da Eucaristia se tenha tornado de novo o centro de toda a nossa Igreja, poucos sugerirão, mas a celebração limitada a presença e o amor de Deus. A celebração da Eucaristia por membros da nossa Igreja que não disfrutem da Eucaristia por uma diversidade de ritos. Este tal facto não são menos membros do C



DE CULTO EM TEMPO DE COVID-19

da América, a atual pandemia suscitou muitas perguntas: «Podemos fazer isto e aquilo?», «É possível partilhar a Santa Comunhão com alguns atrás num ensaio intitulado «Existe uma observação, que nos debates que então se realizavam, este modo de colocar o problema» resultava num beco sem saída. A verdade é que, para um povo sacramental, dizia ele, nenhuma prática era «certa ou errada», mas antes, a pergunta era aquela ação litúrgica faça sentido? Como é possível que os Sacramentos produzam efeito

em um novo significado às coisas. As perguntas atuais, em um tempo de radical distanciamento físico, colocam a questão de um encontro sacramental que tenha significado. As práticas que dependem de «elementos materiais»: pão e vinho, a ação de graças, da proclamação e do batismo nas águas, no comer e beber em conjunto. Estas práticas não se replicam no mundo virtual. Contemplar e participar numa reunião presencial e partilhar o encontro com Deus, pode estar presente em ambas as formas.

Para reter. Desde a época de Thomas Cranmer, o significado da Sagrada Eucaristia é para ser celebrada em comunidade. Em contraste com a prática medieval, profundamente preocupada em reestabelecer o significado da Eucaristia e a recepção da Sagrada Comunhão, contribuíram para um declínio geral na celebração no século XIX e princípios do século XX, e a Oração da Manhã de celebração no Dia do Senhor. E enquanto isso mudou significativamente, e que a Sagrada Comunhão principal ato de adoração ao Domingo em um tempo que a experiência da Oração da Manhã tenha sido perdida pelas gerações de cristãos anglicanos. Há hoje uma falta de uma regular e sustentada celebração da Sagrada Comunhão que vão para além da pandemia e por parte do Corpo de Cristo.

Práticas como «levar a comunhão», apresentam problemas de saúde pública e distorcem ainda mais o vínculo essencial entre uma celebração comunitária e o culminar dessa celebração na recepção do pão e vinhos eucarísticos. Não quer isto dizer que a presença de Cristo que morre e ressuscita não se possa receber por qualquer um destes meios. Quero dizer, que, desde uma perspectiva humana, o pleno significado da Eucaristia não se manifesta neles de uma forma tão óbvia. A nossa teologia é generosa ao afirmar a presença de Cristo em todos os nossos tempos e períodos de necessidade. Numa rubrica no Serviço do Ministério aos Enfermos (p. 379), o Livro de Oração Comum, expressa claramente a convicção, de que mesmo que uma pessoa não possa receber fisicamente o Sacramento por razões de extrema doença ou incapacidade, o desejo em si mesmo da presença de Cristo é suficiente para receber todos os benefícios do Sacramento.

Richard Hooker afirmou que a oração comunitária dos cristãos tem uma significação espiritual muito maior que a soma das orações individuais dos membros do Corpo de Cristo. Através da Oração coletiva, afirmou, que os cristãos participam na comunhão com o próprio Cristo, «unidos ... a esse corpo visível e místico que é a sua Igreja». Hooker não tinha em mente somente a Eucaristia, que, no seu tempo, poderia ter lugar trimestralmente ou, na melhor das hipóteses, uma vez por mês. Tinha muito presente a assembleia dos fiéis cristãos reunidos para o Ofício Diário.

Embora não seja exclusivamente o caso, o culto virtual pode adequar-se mais aos tipos de oração representados pelas formas do Ofício Diário do que pelas dimensões físicas e materiais que a Eucaristia exige. E nas nossas circunstâncias atuais, ao fazermos um maior uso deste Ofício, pode haver uma oportunidade para recuperar aspectos da nossa tradição que apontam para a sacramentalidade das Escrituras, a eficácia da oração em si mesma, a santidade do lugar como a «Igreja doméstica» e a segurança de que os batizados já estão marcados para sempre e configurados a Cristo. Somos membros vivos do Corpo de Cristo, como estejamos e onde estejamos. As perguntas que colocam aos bispos sobre estes assuntos são convites a um compromisso mais profundo com o que queremos significar com a palavra «sacramento» e o quanto estamos preparados para o que a Igreja em si mesma – com ou sem as nossas habituais celebrações Eucarísticas – possa significar em respeito à presença de Deus conosco.

*Bispo Presidente Michael Curry
Texto traduzido e adaptado do Site da Episcopal Church*



COVID 19

UMA PANDEMIA DES-MASCARADA

“E destruirá, neste monte, a máscara do rosto com que todos os povos andam cobertos e o véu com que todas as nações se escondem. Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor JEOVÁ as lágrimas de todos os rostos, e tirará o opróbrio do seu povo de toda a terra...” Isaías 25:7-9 – Versão clássica João Ferreira de Almeida

De muitos pormenores a que temos estado sujeitos todos estes meses em que nos confrontamos com a surpresa desta pandemia a que se chamou Covid 19, um dos que mais chocou foi o facto sermos obrigados a usar máscaras. O que sabíamos de máscaras vinha-nos ou do Carnaval, ou de imagens representativas da Peste Negra. Mais tarde, chegamos as máscaras da Grande Guerra, que não sendo uma guerra Biológica no sentido moderno, foi precursora. Ultrapassando outras pandemias, chegamos ao nosso tempo e a este desafio moderno.

No caso da COVID -19, primeiro procurou-se uma explicação. Nada muito estranho! Estranho era se não o fizéssemos. Encontraram-se explicações das mais plausíveis, às mais surreais. Morcegos, pangolins, fuga descontrolada de um vírus manipulado num laboratório, ou a uma experimentação dos possíveis resultados da mítica “guerra biológica”...

Na Idade Média os Judeus foram acusados da Peste Negra, que fez com que os em 4 anos, de 1333 a 1337, morressem 25 milhões de Europeus. A Gripe Espanhola, que de Espanhol nada tem, surgiu na pouca higiene da Grande Guerra e matou 50 milhões de Europeus. A “Legionella” é uma infeção provocada por águas estagnadas de rios e lagos. Hoje ainda mata. Só em 2021 foram diagnosticados 64 casos no nosso país, sendo 48 na Póvoa de Varzim. A culpa foi das Legiões Romanas que a espalharam.

A Febre Tifoide é provocada por uma espécie de salmonela. Em 430 a. C. exterminou um terço da população de Atenas. Dada como desaparecida surgiu inexplicavelmente nos Estados Unidos da América entre 1607 e 1624 na Virgínia tendo devastado quase toda a população. Hoje por ano 25 milhões de pessoas são atingidas, e fatal entre 128.000 e 161.000 casos. O horrível Ébola que a certa altura foi dado não como extinto, mas apaziguado, voltou com um poder assustador... Tantas outras “pandemias” que poderíamos citar!

A história da saúde Humana é feita destes percalços, destas realidades e destas ameaças inerentes à nossa condição de habitantes de um planeta que como crentes sabemos ter sido feito e oferecido por Deus. Não há nada nas Escrituras



que nos diga que deixamos de correr perigos. Aliás, um dos seus lugares comuns desde o Antigo ao Novo Testamento é lembrar a nossa fragilidade. Não foi Deus que criou a fragilidade dos seus seres. De certa forma nós fragilizamo-nos a nós mesmos por causa de toda uma história de ambição, ganância e pilhagem dos bens da Terra, e com esta ideia absurdamente falsa de que tudo o que se faz é para bem de todos. Há muito tempo que está provado que infelizmente não é assim. Se alguma coisa, algum bem material, ou espiritual se retira disto tudo é sempre no fim, num fim muito remoto onde já se esqueceu o preço que se pagou antes.

Neste tempo voltei a ler um livro chamado “História da Medicina”. Um pormenor me impressiona, não que seja novo, foi só recordar. Na raiz da palavra latina “Recordare”, está o prefixo “re” de repetir para não esquecer, e as palavras “cor-dare” que significam “dar o coração”. Recordar é voltar a ter coração, não esquecer que se tem um. Desde sempre o coração foi o lugar das emoções, do susto, da alegria e na sua paragem lugar do fim. O Antigo Testamento fala muitas vezes do coração de Deus e do Homem; no Novo Testamento em que a antropologia é outra, o Senhor Jesus Cristo comove-se “até às entranhas” é a mesma coisa, só o lugar é diferente. Nessa leitura que fiz, o extraordinário, é a constante procura de explicações que vão evoluindo há medida que o tempo passa! O pecado; a culpa, a desobediência, e até finalmente o castigo divino. Mas a verdade é que tudo isto é parte integrante da nossa humanidade. Não conseguimos viver sem explicações! Não se consegue!

Nada se explica e ficamos incompletos.

Independentemente de qualquer explicação, lógica ou irracional, científica ou fantasiosa, real ou mística, como crentes e como cristãos uma coisa devemos “Recordar”: que a Escritura nos garante que Deus está sempre acima de tudo e de todos, de todas as explicações e de todos os nossos medos. Que está sempre pronto a oferecer-nos o seu coração. Ele vela por tudo o que é inexplicável, apenas requer a esperança, e não o desespero! Isso não significa indiferença diante da morte e do sofrimento, pelo contrário. Há sofrimentos nossos e partilhados que nos tornam mais humanos, ou então estamos todos perdidos...

Procurei nas Escrituras a palavra “máscara”, para meu espanto encontrei o texto de Isaías em Epigrafe. Independentemente do valor real da palavra, não deixou de me comover, que até neste momento tão difícil que vivemos, nas Escrituras encontramos palavras do nosso tempo. Nelas encontramos sempre circunstâncias da História, da Ciência, da Fé e da Vida e uma Palavra que subitamente se destaca e se eleva, percorre os séculos e os milénios para nos “recordar” a fidelidade de Deus. Que queremos nós mais senão tirar as máscaras – todas – e permitir que no tempo novo que vai chegar o Senhor lave nosso Deus: “...enxugará as lágrimas de todos os rostos, e tirará a afronta do seu povo...”

MEMÓRIA

não podemos esquecer a experiência traumática da pandemia do covid--19

LUTO

há o luto comunitário e individual que necessita de ser feito

ESPERANÇA

afirmar a esperança será também não desistir de pensar num outro mundo

22 a 24
de Outubro
2021

**JORNADA NACIONAL DE MEMÓRIA,
LUTO E ESPERANÇA**

HOMENAGEM ÀS VÍTIMAS DA PANDEMIA DA COVID-19